

Referenciação e orientação argumentativa em uma matéria jornalística

Vidomar Silva Filho
Rosângela Hammes Rodrigues
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este trabalho examina as expressões nominais definidas usadas para (re)construir o objeto-de-discurso Plínio de Arruda Sampaio em uma matéria jornalística. Objetiva-se analisar como as expressões nominais definidas, ao recategorizar o objeto-de-discurso, contribuem para a construção de sua orientação argumentativa. Inicialmente, breve revisão teórica busca distinguir a perspectiva da referenciação da noção clássica de referência e relacionar referenciação e orientação argumentativa. Depois, levantam-se no texto as expressões nominais definidas utilizadas para (re)construir o objeto-de-discurso considerado. Analisam-se, então, essas expressões, considerando a orientação axiológica dos elementos adjetivos ligados aos núcleos nominais e os próprios núcleos, e investiga-se como o uso dessas expressões contribui para realização do projeto-de-dizer do autor. Por fim, discutem-se possíveis intencionalidades do autor na construção do objeto-de-discurso. As expressões nominais definidas contribuem para a construção de Sampaio como um velho com postura irreverente e agressiva, incoerente, inconsistente e pouco confiável.

Palavras-chave: Referenciação; expressões nominais definidas; objeto-de-discurso.

INTRODUÇÃO

O jornalismo, como qualquer instância discursiva, não se organiza em um vácuo social, isento de valores e interesses. Da mesma forma que as demais atividades humanas, o trabalho dos profissionais de imprensa está sujeito a tensões, à ação de forças não de todos transparentes, muitas das quais exógenas ao fazer jornalístico das redações. Os discursos (re)produzidos pelos jornalistas recebem controle severo por parte dos donos da empresa jornalística, os quais, por sua vez, respondem a uma gama de pressões de anunciantes e outros grupos de poder. Van Dijk (2010) assim descreve os limites impostos ao discurso no jornalismo:

[...] as empresas de comunicação de massa e seus (geralmente estrangeiros) proprietários controlam tanto as condições financeiras quanto as tecnológicas da produção do discurso.

[...] Por meio de investimentos seletivos, controle orçamentário, contratação (e demissão) de pessoal, e algumas vezes por meio da influência editorial direta ou diretrizes, eles podem controlar parcialmente o conteúdo ou ao menos a dimensão do consenso e dissenso da maior parte das formas de discurso público. Para os meios de comunicação privados que dependem da propaganda, esse controle indireto pode exercer-se também por meio de empresas que são clientes importantes ou mesmo por meio de novos e proeminentes participantes do cenário (geralmente institucionais) que fornecem com regularidade informações das quais dependem os meios de comunicação (van Dijk, 2010, p. 47).

Van Dijk classifica os jornalistas como membros de “elites simbólicas” (que incluem também escritores, artistas, diretores, acadêmicos) responsáveis por produzir a articulação do discurso. Segundo o autor, essas “elites” têm relativa liberdade e poder para decidir quanto a escolhas de gêneros, tópicos, estilos e formas de apresentações dos discursos. Van Dijk destaca ainda que o “poder simbólico” dessas elites – entendido como o poder de manipular os símbolos – não se limita à articulação do discurso em si:

[...] eles podem determinar a agenda da discussão pública, influenciar a relevância dos tópicos, controlar a quantidade e o tipo de informação, especialmente quanto a quem deve ganhar destaque publicamente e de que forma. Eles são os fabricantes do conhecimento, dos padrões morais, das crenças, das atitudes, das normas, das ideologias e dos valores públicos. Portanto, seu poder simbólico é também uma forma de poder ideológico (van Dijk, 2010, p. 47).

Assim, em seu papel de organizadora e veiculadora de informações e opiniões, a imprensa constitui-se como um poder forte, com notável raio e intensidade de ação, mas frequentemente submisso a coerções que emanam de outras instâncias de poder, como o mercado, a política, a religião. E, não raro, interesses escusos disfarçam-se sob uma capa de neutralidade discursivamente engendrada e mantida. Articula a imprensa, então, um conjunto de “verdades” mais ou menos

prontas e acabadas, num trabalho de (re)elaboração da realidade do qual uma larga parcela da sociedade é mantida a distância, destinada a atuar como mera consumidora de versões de mundo elaboradas em editoriais e redações. Brent e Assunção (2007) assim apresentam esse quadro:

[...] a realidade mostra que a mídia é atravessada por interesses os mais diversos, frequentemente difusos e antagônicos. Vários estudiosos têm considerado a mídia como uma forte atuante no exercício do poder, na atuação pública e na manifestação política. O fato é que a mídia está presente tanto nos graves conflitos sociais que atravessam a sociedade quanto em funções específicas do Estado, preenchendo um vazio do exercício do poder. O que caberia à sociedade, mediante várias instituições e organismos, fica restrito à discussão realizada pela mídia, nem sempre plural e nem sempre aberta à maioria da população. Assim, a mídia torna-se um espaço de disputa de sentidos sobre a realidade social (Brent; Assunção, 2007, p. 3).

Dessa forma, segundo os autores, os textos midiáticos elaboram versões não neutras da realidade, fortemente dependentes das posições sociais e dos objetivos dos seus produtores. Mas esse processo de (re)criação de realidade deixa suas marcas no texto, na forma de escolhas léxico-sintáticas. Daí a possibilidade de se examinar o texto, como discurso materializado, buscando evidenciar, desnudar as marcas que nele deixam os discursos que o atravessam.

Muitas são as formas de realizar esse exame, utilizando variadas ferramentas analíticas e abordando diferentes elementos no texto. Neste trabalho, será examinado como os processos de referência sustentam a (re)elaboração de um objeto-de-discurso. Tomamos como *corpus* uma matéria sobre Plínio de Arruda Sampaio, candidato a Presidente do Brasil nas eleições de 2010, publicada na revista *Istoé*, de 18 de agosto de 2010. A escolha dessa matéria deve-se, em parte, às características aparentemente contraditórias de Plínio de Arruda Sampaio – o filho de uma rica família de cafeicultores que teve relevante papel na construção do Partido dos Trabalhadores –, as

quais ensejam versões e opiniões bastante diferentes a seu respeito. Mas deve-se também, e principalmente, à evidência que o candidato obteve na imprensa, mesmo tendo baixíssima expressividade em termos de intenções de voto ao longo de toda a campanha eleitoral.

Primeiramente, a partir de trabalhos na área de linguística textual (Cardoso, 2003; Koch, 2002, 2004, 2005, 2009; Marcuschi, 2005, 2008; Mondada; Dubois, 2003), fazemos uma breve revisão teórica dos conceitos mais relevantes para a análise: a distinção entre referência e referenciação; a relação entre referenciação e orientação argumentativa. Em seguida, procedemos à análise do texto, investigando como o objeto-de-discurso Plínio de Arruda Sampaio é (re)construído mediante o uso de pronomes, expressões nominais e outros elementos anafóricos. Ainda que este estudo não vise a examinar como se dá a progressão referencial de todo o texto, interessa-nos examinar a forma como o objeto-de-discurso considerado vai sendo retomado e reelaborado. Assim, subsidiariamente, examinamos a noção de progressão referencial.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Referência versus referenciação

Para explicar o nosso pensamento simbólico e o uso que fazemos do signo, a semiótica frequentemente se vale do chamado triângulo semiótico, em cujos vértices se situam, respectivamente, a coisa material significada, o símbolo ou signo usado para referi-la e o conceito armazenado na mente. Essa concepção triádica de signo, que separa o referente (a entidade extratextual e extralinguística) do símbolo e do conceito, remonta aos filósofos estoicos da Grécia antiga e tem sido retomada desde então, sucessivamente, por filósofos, gramáticos, linguistas e semioticistas.

Blikstein (1990, p. 23-24) apresenta um quadro comparativo das várias versões do triângulo semiótico, desde os estoicos até Eco, passando pelos escolásticos, os filósofos de Port Royal, Saussure, Hjelmslev e outros. A maioria dessas

concepções têm em comum o fato de que o referente é considerado como algo à parte da linguagem e do pensamento, com existência autônoma. Nessa perspectiva, a referência diz respeito a uma relação especular entre a linguagem e uma realidade material exterior à própria linguagem e também ao pensamento. Tem-se, assim, entre o signo linguístico e a realidade uma relação que se pode chamar correspondista, uma vez que prevê “uma correspondência de verdade entre as coisas do mundo e a linguagem” (Cruz, 2005, p. 293). Dentro dessa abordagem à referência, a linguagem funciona como intermediadora entre pensamento e mundo, e a percepção é capaz de apreender o mundo objetivo e traduzi-lo em termos de linguagem.

Em tempos recentes, essa concepção de referência como correspondência entre linguagem e mundo vem sendo questionada. Passou-se a considerar que o pretense “mundo objetivo”, passível de apreensão pelo pensamento e pela linguagem, é ele próprio uma construção subjetiva, uma vez que a experiência perceptiva já é, por si própria, um processo de ordenação do universo fortemente influenciado pelos valores, crenças e metas do sujeito.

Portanto, não há que se pensar em relação especular, correspondista entre pensamento e mundo, assim como não é possível pensar a linguagem como um conjunto de rótulos ou etiquetas que se apõem às coisas do mundo. Como afirma Koch (2009),

[...] a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um simples processo de elaboração de informações, mas num processo de (re)construção do próprio real. Sempre que usamos uma forma simbólica, manipulamos a realidade de maneira significativa (Koch, 2009, p. 31).

A concepção delineada acima contrapõe-se à estabilidade na correspondência entre as palavras e as coisas, que é essencial à noção clássica de referência. Reconhecendo, então, a instabilidade na relação entre língua e mundo, Mondada e

Dubois propõem que se substitua o conceito de referência por *referenciação*:

O problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo. Em outros termos, falaremos de *referenciação*, tratando-a, assim como à categorização, como advinda de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada (Mondada; Dubois, 2003, p. 20, grifo das autoras).

Marcuschi (2008) afirma que as duas tendências – a noção clássica de referência e a perspectiva mais recente da referenciação – coexistem nos estudos semântico-discursivos hoje e aponta que a primeira ainda predomina nos estudos lógico-semânticos, uma vez que se baseia numa concepção de objetiva e realista da linguagem, tomando-a como transparente e referencialista. Já a segunda perspectiva, da referenciação, “postula uma noção de linguagem como atividade sociocognitiva em que a interação, a cultura, a experiência e aspectos situacionais interferem na determinação referencial” (Marcuschi, 2008, p. 139).

No limite extremo, essa perspectiva da referenciação poderia implicar a negação ontológica da realidade, a qual seria apenas uma construção discursiva. Essa, segundo Cardoso (2003), é a posição das correntes de pensamento pós-modernistas, antirrealistas de origem nietzschiana e também pós-marxistas, para as quais “a linguagem nunca *reflete* nada, ela apenas *significa*, dado que aquilo que chamamos ‘realidade’ é um construto de nossos discursos” (Cardoso, 2003, p. 116, grifos da autora). Entretanto, Cardoso contrapõe-se a essa posição mais radical, ressaltando que não são os discursos que regem o surgimento da situação material. Ao contrário, transformam, reelaboram uma situação que é exterior ao discurso. No dizer da autora, “[f]alar de um trabalho transformador do discurso implica que algo preexiste a esse processo, algum referencial, algo trabalhado, o que equivale a dizer que o significante não é o ‘produtor’ da situação real” (Cardoso, 2003, p. 121).

Essa transformação discursiva da realidade implica uma concepção diferenciada de *sujeito*. Em vez de se pensar numa relação entre palavras e coisas operada por um sujeito “cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo”, como o sujeito do cognitivismo clássico, tem-se agora uma abordagem que

implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sócio-cognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso (Mondada; Dubois, 2003, p. 20).

Outro deslocamento importante que faz a teoria da referenciação em relação à teoria clássica da referência é que a noção *referente* – tomado como uma entidade autônoma, cuja existência e propriedades independem do sujeito e da linguagem – é substituída pela noção de *objeto-de-discurso*. A existência dos objetos-de-discurso é (re)criada na atividade cognitiva e na interação. Assim, estes devem ser tomados essencialmente como produtos culturais:

Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação: a realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele (Koch, 2009, p. 31).

Dadas essas concepções de referenciação e de sujeito, percebe-se que o ato de referir – muito mais que etiquetar o mundo a partir de categorias predeterminadas que o sujeito internaliza em sua cognição e das quais faz uso na representação de um mundo externo e autônomo – é uma atividade discursiva. A esse respeito, afirma Koch (2005):

O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, realizando

escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à sua proposta de sentido. Isto é, as formas de referenciação, bem como os processos de remissão textual que se realizam por meio delas, constituem escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. É por essa razão que se defende que o processamento do discurso, visto que realizado por sujeitos sociais atuantes, é um processamento estratégico (Koch, 2005, p. 34-35).

Por fim, a noção de *anáfora* também deve ser reconsiderada. Na perspectiva clássica da referência, a anáfora é essencialmente uma relação entre elementos do que Beaugrande e Dressler (1981 [2002]) chamam de *texto de superfície* (*surface text*), “as palavras que nós efetivamente ouvimos ou vemos”. Silva (2009) assim discute essa concepção de anáfora:

A noção de anáfora tradicionalmente postulada por autores como Halliday e Hasan, na obra seminal de 1976, é de fenômeno linguístico que possibilita o estabelecimento de uma relação semântica entre itens lexicais de um texto, sendo, pois, um importante elemento de coesão textual e operador de continuidade textual de suma relevância para a tessitura do texto.

Nessa concepção mais pontual, a anáfora é prioritariamente ligada à coesão textual, sendo um elemento estritamente responsável pelas retomadas de itens já textualizados. Além disso, nessa perspectiva, a anáfora tende a ser correferencial e ter um antecedente explícito [...] (Silva, 2009, p. 12).

Na perspectiva teórica da referenciação, a interpretação de uma expressão anafórica não consiste meramente em associar a expressão a algum elemento linguístico do contexto. Como afirma Marcuschi, “[n]a sua essência, a anáfora é um fenômeno de semântica textual de natureza inferencial e não um simples processo de *clonagem referencial*” (Marcuschi, 2005, p. 55, grifo do autor). Nessa abordagem mais atual, a anáfora consiste, segundo Koch (2005, p. 34) em localizar “algum tipo de informação alocada na memória discursiva”.

Aqui é importante lembrar que esse localizar não se trata de uma operação passiva, uma vez que o próprio processo de referenciação (re)constrói o objeto-de-discurso, remodelando-o. Ou, como descreve Koch (2004),

o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo em que é tributário dessa construção. Isto é, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada, publicamente alimentada pelo próprio discurso (Koch, 2004, p. 58).

As categorias usadas para descrever o mundo são plurais e mutáveis, dependendo muito mais da pragmática da enunciação do que da semântica dos objetos, de pretensas características definitórias. Isso gera uma inevitável instabilidade na relação entre as palavras e as coisas do mundo extramental. Portanto, a referenciação consiste em uma atividade discursiva, uma vez que a construção dos objetos-de-discurso resulta de escolhas do sujeito, que tenta realizar o seu projeto de dizer em uma dada situação de enunciação.

Progressão referencial

Como é de interesse neste trabalho examinar como o objeto-de-discurso Plínio de Arruda Sampaio é sucessivamente introduzido e reelaborado por meio da referenciação, importa investigar como se dá a progressão desse referente no texto em análise. Marcuschi conceitua a *progressão referencial* como o processo de “introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo às *estratégias de designação de referentes* e formando o que se pode denominar cadeia referencial (Marcuschi, 2008, p. 141, grifo do autor).

Koch e Elias (2009, p. 125-126) apresentam esquema mais simples, no qual são operações básicas passíveis de serem realizadas com um objeto-de-discurso, na construção de um modelo textual:

1. Introdução (construção): operação mediante a qual “um ‘objeto’ até então não mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão linguística que o

- representa é posta em foco, ficando esse objeto saliente no mundo textual”.
2. Retomada (manutenção): dá-se quando um item previamente introduzido “é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto de discurso permaneça em foco”.
 3. Desfocalização: ocorre quando é introduzido um novo objeto de discurso, o qual passa a ocupar a posição focal. Entretanto, o objeto-de-discurso desativado permanece disponível para reativação sempre que necessário.

Com a reiteração dessas operações, o modelo textual é estabilizado, mas também (re)elaborado continuamente, por meio de novas referenciações. Segundo Koch (2002, p. 83), “durante o processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas informações e/ou avaliações acerca do referente”. Destaque-se que a manutenção do objeto-de-discurso como unidade de representação não implica fixidez desse objeto, mas sua reconstrução constante, a qual se opera segundo o projeto-de-dizer do sujeito e as condições de enunciação, que não são fixos, mas altamente dinâmicos.

Koch (2002) ressalta que o processo de progressão textual não é linear, uma vez que ocorrem tanto movimentos projetivos (catáfora) como retrospectivos (anáfora). Além disso, ocorrem movimentos abruptos, fusões, alusões, etc. E o processo de progressão, ao mesmo tempo em que constitui o dito, é por ele constituído. Como descreve Koch,

Em sentido estrito, pode-se dizer que a progressão textual se dá com base no *já-dito*, no que *será dito* e no que *é sugerido*, que se co-determinam progressivamente. Essa *co-determinação progressiva* estabelece as condições da textualização. Assim, muito do que *ainda era possível* em certo ponto x do texto já *não é mais possível* num ponto $x+1$. Por exemplo, inferências tidas como hipóteses possíveis no ponto x já não o são no ponto $x+1$ e assim por diante. A progressão textual renova as condições de textualização e a consequente produção de sentido. Portanto, o texto é um universo de relações

sequenciadas, mas não lineares (Koch, 2002, p. 85, grifos da autora).

Estratégias de progressão referencial

Koch (2002) alista como principais estratégias de progressão referencial o uso de pronomes ou elipses, o uso de expressões nominais indefinidas e o uso de expressões nominais definidas. Enquadram-se no primeiro tipo tanto os pronomes propriamente ditos quanto numerais, advérbios pronominais e elipses (pronomes neutros). O uso de expressões nominais indefinidas e definidas é discutido abaixo.

a) Expressões nominais indefinidas

As expressões ou formas nominais indefinidas consistem minimamente de um nome precedido de um artigo indefinido. Segundo Koch (2002), elas não se mostram muito adequadas para retomar referentes previamente introduzidos no texto, mas podem fazê-lo especialmente em quatro situações: para selecionar um referente a partir de um conjunto já mencionado, como no exemplo (a); para nomear partes de um referente anterior, como em (b); para, conscientemente, não identificar claramente o referente e criar um efeito de suspense, como em (c); “quando a expressão anafórica focaliza mais fortemente a informação que veicula do que o prosseguimento da cadeia coesiva” (Koch, 2002, p. 105), como em (d).

- (a) Os bichos do zoo pareciam-lhe tristes simulacros dos animais que vira pelas matas. *Um macaco em especial*, retirado a um canto da jaula, com o olhar vazio, inspirou-lhe terrível piedade.
- (b) Subiu no ônibus esbaforido, as pernas ainda tremiam. *Um banco vazio* – o único – foi sua tábua de salvação: sentou-se e escondeu a cara no jornal.
- (c) A menina entrou na cozinha ressabiada, deslizando junto à parede. Quando a mãe a olhou, pareceu esconder algo atrás de si. O olhar materno foi um comando. Aproximou-se cabisbaixa e foi abrindo

devagar os dedos. *Um objeto brilhante fazia contraste com a mãozinha encardida.*

- (d) Lembrava da escola como algo enorme, meio assustador, onde o alarido das crianças misturava-se aos gritos histéricos dos professores. Encontrou em seu lugar *uma construção singela, acanhada, uma velhinha cansada e serena.*

b) Expressões nominais definidas

Koch (2002) inclui como expressões nominais definidas as descrições definidas, as nominalizações, as rotulações metalinguísticas ou metadiscursivas e as anáforas indiretas. Estruturalmente, essas expressões têm em comum o fato de serem compostas por nome acompanhado de determinante e, opcionalmente, modificador(es). No caso de retomadas textuais por nominalização, o determinante pode, eventualmente, ser omitido.

As descrições definidas são de particular interesse neste trabalho tanto por sua presença no texto em análise como por seu valor na argumentação em geral. É característica desse tipo de expressão nominal definida ser construída a partir da seleção de uma propriedade atribuível ao referente numa dada situação discursiva. Assim, sua composição e uso têm estreita relação com o “projeto-de-dizer” do locutor. Conforme destaca Koch,

A escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido. Por outro lado, o locutor pode, por vezes, ter o objetivo de, pelo uso de uma descrição definida, sob a capa do dado, dar a conhecer ao interlocutor, com os mais variados propósitos, propriedades ou fatos relativos ao referente que acredita desconhecidos do parceiro [...] (Koch, 2002, p. 88).

Koch (2002, p. 87) alista as seguintes possibilidades de configuração das expressões nominais definidas:

Det. + Nome

Det. + Modificador(es) + Nome + Modificador(es)

Det. { Artigo definido
demonstrativo }

Modificador { Adjetivo
SP
Demonstrativo }

A presença do determinante sinaliza que a informação pertence ao mundo do dado, do já conhecido. Por outro lado, o restante da expressão pode trazer elementos novos e até inusitados, aspectos mais ou menos relevantes ou evidentes do referente selecionados pelo locutor para realização do seu projeto-de-dizer. Disso resulta que as expressões nominais exercem papel extremamente relevante na progressão textual. Como afirma Koch,

As formas nominais referenciais, em grande parte, respondem, simultaneamente, pelos dois grandes processos de construção textual: retroação e prospecção:

1. Como formas de remissão a elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo co-texto precedente, elas possibilitam a sua (re)ativação na memória do interlocutor, ou seja, a *alocação* ou *focalização* na memória ativa (operacional) deste:
2. por outro lado, ao operarem uma recategorização ou refocalização do referente ou, em se tratando de nominalizações, sumarizando e rotulando as informações-suporte, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa, isto é, veiculadoras tanto de informação dada, como de informação inferível e nova [...] (Koch, 2002, p. 90-91, grifos da autora).

Essa função de recategorização do referente faz das expressões nominais definidas elementos importantes para argumentação. É o que apresenta na próxima seção.

Referenciação e argumentação

Conforme já se afirmou anteriormente, a progressão referencial com recategorização do referente, além de servir à progressão textual, desempenha importante papel na argumentatividade do texto, como também na construção de sentidos. A referenciação, particularmente mediante o uso de descrições definidas, permite que se (re)construam os objetos-de-discurso. Para isso, o locutor seleciona, dentre as múltiplas propriedades atribuíveis ao referente no contexto discursivo, aquela que melhor contribua com seu projeto-de-dizer. Koch assim descreve esse processo:

[...] o emprego de uma descrição nominal, com função de categorização ou recategorização de referentes, implica sempre uma escolha entre uma multiplicidade de formas de caracterizar o referente, escolha essa que será feita, em cada contexto, segundo a proposta de sentido do produtor do texto. Trata-se, em geral, da ativação, dentre os conhecimentos culturalmente pressupostos como partilhados (isto é, a partir de um *background* tido por comum) de características ou traços do referente que devem levar o interlocutor a construir dele determinada imagem, isto é, vê-lo sob um determinado prisma, o que lhe permite extrair do texto informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do seu produtor, de modo a auxiliá-lo na construção do sentido [...] (Koch, 2005, p. 35-36).

A recategorização frequentemente se vale de modificadores axiológicos, na forma de adjetivos, sintagmas preposicionais ou orações adjetivas, que introduzem avaliações vão apresentando ao interlocutor facetas do objeto condizentes com o querer-dizer do locutor. Assim, analisando essas marcas linguísticas nas expressões anafóricas, pode-se inferir a orientação axiológica do texto e a intencionalidade geral do locutor ao construir a sua argumentação. É o que se fará a seguir.

ANÁLISE

Corpus

O *corpus* deste estudo constitui-se de um único texto, a matéria “Punk aos 80”, assinada por Yan Boechat e publicada na revista *Istoé* (18 de agosto de 2010), da qual se apresenta cópia no Anexo 1.

Percurso metodológico

Inicialmente, fizemos um levantamento no texto de todas as anáforas que retomam o objeto-de-discurso Plínio de Arruda Sampaio. Assim, estabelecemos a *cadeia referencial* (Marcuschi, 2008) para esse objeto-de-discurso no texto (Anexo 2). Em seguida, observando essa cadeia referencial, investigamos como o objeto-de-discurso Plínio de Arruda Sampaio foi introduzido e retomado ao longo do texto. A fim de investigar as recategorizações que sofre o objeto-de-discurso no texto, analisamos as expressões nominais definidas, levando em conta a orientação axiológica dos adjetivos e orações adjetivas associados aos núcleos nominais e o próprio conteúdo desses núcleos. Por fim, discutimos possíveis intencionalidades do autor na construção do objeto-de-discurso considerado.

Análise do texto

O objeto-de-discurso Plínio de Arruda Sampaio é introduzido já no próprio subtítulo do texto e retomado em todos os períodos, exceto pelo último, principalmente por meio de pronomes, de elipses e do prenome “Plínio”. Os dois primeiros tipos de elementos anafóricos não parecem provocar, neste texto¹, recategorização do referente. Já o uso do prenome,

¹ É importante ressaltar que mesmo os pronomes não são sempre neutros no que diz respeito à orientação argumentativa. Isso fica bem evidente, por exemplo, ao compararmos a diferença de valor entre dizer, na presença da pessoa de quem se fala: “Este senhor tem uma queixa a fazer” *versus* “Ele tem

comparativamente ao uso do nome completo, ou do sobrenome, denota maior aproximação, maior intimidade, portanto menor reverência. As expressões nominais definidas aparecem em menor número, mas representam, como argumentamos a seguir, dois polos numa personagem mostrada como contraditória.

Logo ao início do texto, o objeto-de-discurso considerado é mostrado como muito velho na expressão nominal definida “O octagenário Plínio de Arruda Sampaio”. Essa é a valoração mais evidente que Sampaio recebe no começo do texto, o que faz com que ele inicialmente se vá construindo aos olhos do leitor como um homem idoso.

Mas o idoso pode ser objetificado de variadas formas: pelo viés da sabedoria – que vem pela experiência – ou da perda de sabedoria, devido à senilidade; pelo viés da paciência com os netos e bisnetos ou da impaciência, da rabugice; pelo viés do estoicismo de quem aprendeu que o sofrimento é parte inevitável da existência, ou do hedonismo impudico de quem, perante o fim inevitável e mais próximo, quer todos os prazeres, e assim por diante. Então, é preciso investigar qual idoso o texto constrói.

Ao fim do primeiro parágrafo, na expressão nominal definida “esse senhor de exatos 80 anos, aparência frágil e fala pausada”², Sampaio é apresentado como velho e frágil. Contudo, essa imagem de fragilidade, fraqueza não coaduna com as informações de que Sampaio conquistou³ o reconhecimento popular por meio de uma postura agressiva nos debates eleitorais e pela aproximação intencional de sua própria imagem com os anseios de mudança de uma porção do eleitorado, especialmente os mais jovens. Então, gera-se uma aparente incoerência que, como se verá adiante, será resolvida juntamente pela construção de Sampaio como alguém de personalidade dúbia.

uma queixa a fazer”. O uso do pronome *ele*, neste caso, implica certo distanciamento axiológico e pode até mostrar-se ofensivo.

² Observe-se também o tom respeitoso conferido pela palavra “senhor”.

³ Observe-se que o verbo “conquistar” aparece primeiramente já no subtítulo, depois nominalizado em “A conquista do reconhecimento popular” (1º parágrafo) e logo depois na locução “acabou conquistando” (1º parágrafo), o que sugere uma postura ativa de Plínio na construção da imagem do “candidato de protesto” (1º parágrafo).

Por outro lado, quando Sampaio é referenciado a partir de sua idade avançada, isso vem matizado essencialmente de forma negativa. Há um viés positivo, é fato, no primeiro parágrafo do corpo do texto, quando é mencionada “sua longeva e prolífica vida política”. Mas, daí por diante, a velhice de Sampaio é associada a características negativas. Ao mesmo tempo em que “senhor de exatos 80 anos” traz novidade à campanha, traz ideias que cheiram a “álcool usado em mimeógrafos para reproduzir textos panfletários de décadas passadas” (1º parágrafo). Mediante um interessante jogo semântico, a noção de novidade dá lugar à ideia básica já presente nas expressões nominais definidas “O octagenário Plínio de Arruda Sampaio” e “esse senhor de exatos 80 anos, aparência frágil e fala pausada”: Sampaio é velho, tão velho que chega a ser anacrônico. E esse anacronismo de Sampaio é fartamente desenvolvido no segundo parágrafo do texto, onde ele aparece como “um candidato com ideias que foram esmagadas com a queda do Muro de Berlim e o esfacelamento do bloco soviético”.

Sampaio é apresentado como velho ainda em outras duas expressões nominais definidas, “Esse velho” e “o tiozão”⁴, ambas em discurso citado, no terceiro parágrafo do texto. Essas expressões, pouco respeitosas, irreverentes, aparecem como citações de mensagens na rede social Twitter. A expressão “o tiozão” é especialmente interessante por constituir-se seu núcleo de uma gíria própria de jovens. Assim, apresenta-se Sampaio como alguém próximo ao universo da juventude. E ainda, pela quebra de formalidade conferida pela gíria, ajuda-se o leitor construí-lo como alguém pouco digno do respeito normalmente associado à figura do velho.

Acentua-se, portanto, nesse reenquadramento de discursos, uma inconsistência, uma incongruência com a forma como o objeto-de-discurso foi construído inicialmente. O “octagenário Plínio de Arruda Sampaio” (1º parágrafo), “o senhor de exatos oitenta anos” (1º parágrafo), “esse advogado” (2º parágrafo) é reconstruído agora como “esse velho”, “o

⁴ Essas expressões definidas foram incluídas na análise sem receber tratamento diferenciado das demais, porque entendemos que o autor, ao reenunciar o texto de outrem, fá-lo dentro do seu projeto-de-dizer.

tioção”. Essa característica dúbia (velho próximo da juventude), de notável centralidade na construção do objeto-de-discurso, é o moto de boa parte do texto, desde o subtítulo – no qual Sampaio aparece sucessivamente como “um candidato octagenário”, que defende “velhas ideias” e “conquista o posto de novidade rebelde da campanha” – até o longo parágrafo final. Ali, Sampaio é mostrado como alguém que faz a defesa dos trabalhadores, mas “não é nem nunca foi um integrante da classe operária que ele durante toda a vida sonhou levar ao paraíso”⁵.

Aqui é preciso destacar que também a juventude pode ser objetificada de formas muito variadas, entre as quais a do idealismo e gosto por ideias novas e arrojadas, e a da agressividade e rebeldia. Na construção que o texto faz do objeto-de-discurso Plínio de Arruda Sampaio, aqueles matizes mais positivos da juventude, associados a idealismo e frescor, não aparecem, mas apenas estes da agressividade e rebeldia. Sampaio é mostrado como um velho com atitudes de jovem agressivo e até petulante. Mediante a descrição nominal definida “o tempero que faltava para essas eleições” (também presente em discurso reenquadrado, no 3º parágrafo), é apresentado como um contestador, como alguém que vem para opor-se a um cenário de conformismo e mesmice.

Certamente não por coincidência, o leitor é logo em seguida informado, no quarto parágrafo, de que “Plínio pegou embalo na rebeldia” e defende causas polêmicas: “a liberação da maconha, o direito ao aborto, a união de pessoas do mesmo sexo e a extinção do Senado”. Essas informações participam no reequadramento de Sampaio como um velho cujas posturas lembram as de um jovem agressivo. Esse, aliás, é o moto do título do texto (“PUNK AOS 80”) e aparece ao longo do texto em certas escolhas lexicais: Sampaio é um “candidato de protesto” (1º parágrafo), “prega uma reforma agrária agressiva”, tem a “postura agressiva de um jovem punk da periferia paulistana” (3º parágrafo).

⁵ Perceba-se a ironia em “sonhou levar ao paraíso”: o discurso da esquerda em defesa do operariado é retomado e, ao mesmo tempo, desautorizado pela escolha do verbo “sonhar” pelo uso hiperbólico, exagerado de “paraíso”.

No início do quinto e último parágrafo do texto, ocorre uma expressão nominal definida: “a rebeldia juvenil revestida pelo verniz já ressecado da década de 60”. Esta sintetiza a dubiedade velho-jovem sobre a qual o objeto-de-discurso é construído. Funciona ainda como importante elemento na progressão do texto, ao ser articulada numa estrutura concessiva em que se introduz o tópico do último parágrafo do texto, no qual Sampaio é enquadrado como um membro da elite. Nesse parágrafo, mesmo dados importantes sobre sua atuação política, como a cassação e os dez anos de exílio e o seu papel na criação do PT e do PSOL, são obscurecidas por várias informações destinadas a situá-lo como membro da elite. Sampaio é filho de cafeicultor, estudou na “seleta faculdade de direito do Largo São Francisco”, é “o mais rico dos candidatos”.

DISCUSSÃO

A partir da análise empreendida, podemos dizer que as expressões nominais referenciais, vão (re)construindo o objeto-de-discurso, amoldando-o segundo o querer-dizer de autor, conferindo um tom apreciativo a esse objeto-de-discurso e corroborando para uma orientação argumentativa. Assim, ao longo do texto, mediante expressões nominais definidas, Sampaio é mostrado como:

- velho: “um candidato octagenário”, “o octagenário Plínio de Arruda Sampaio”, “esse senhor de exatos 80 anos, aparência frágil e fala pausada”, “esse velho”, “o tiozão”;
- frágil: “esse senhor de exatos 80 anos, aparência frágil e fala pausada”;
- rebelde, contestador: “o tempero que faltava nas eleições”;
- pouco digno de respeito: “o tiozão”.

Considerando-se as descrições definidas, vemos que as mesmas, muito mais que constituírem apenas de um mecanismo para estabelecimento de uma rede semântica entre os itens lexicais do texto, servem aos propósitos discursivos do autor, os quais, obviamente, devem estar em consonância com os objetivos

da empresa jornalística. A cada vez que o objeto-de-discurso Plínio de Arruda Sampaio é retomado por uma dessas expressões, facetas dele são (re)construídas, num processo constante de reelaboração que serve ao projeto-de-dizer do autor:

[O] fenômeno da referenciação deve ser concebido como uma atividade de base discursiva, em que os sujeitos, por ocasião da interação verbal, fazem escolhas linguísticas orientadas por um projeto-de-dizer. Essas escolhas refletem a complexidade de nossa relação com o mundo, uma vez que o reelaboramos a cada novo lance do jogo enunciativo, conforme nossos propósitos interlocucionais (Galvão, 2008, p. 1).

Uma vez que não podemos recuperar o momento da enunciação, da produção mesma do texto, para determinar os “propósitos interlocucionais” de Yan Boechat, seu projeto-de-dizer, resta-nos inferir qual seja, a partir das marcas deixadas no texto, destinadas a orientar o leitor, guiar sua construção de sentidos. Como destaca Penna (2006), “o processamento do discurso é estratégico: o autor deixa pistas no texto, orienta sua argumentação, repete, rotula, explica, especifica”. Então, a partir das pistas no texto, tentemos examinar a que direção Boechat tenta encaminhar os leitores.

Primeiramente, as características contraditórias de Sampaio apresentadas no texto – um rico com discurso a favor dos pobres, um velho com posturas de jovem punk – tendem a levar o leitor a vê-lo como alguém inconsistente, incoerente e, portanto, pouco confiável. Essa sensação é acentuada por uma cuidadosa desautorização de seu discurso, obtida pela seleção criteriosa de elementos lexicais. Sampaio é um “candidato octagenário”, que defende “velhas ideias”, as quais “foram esmagadas pela queda do Muro de Berlim e o esfacelamento do bloco soviético”, que defende “o não pagamento de uma dívida externa já virtualmente quitada e prega uma reforma agrária agressiva”. Ele combina uma “aparência frágil com uma postura de um jovem punk da periferia paulistana” e ostenta uma “rebeldia juvenil revestida pelo verniz já ressecado da década de 60”.

Em segundo lugar, são fornecidos ao leitor elementos que parecem destinados a fazê-lo inferir que a postura contestadora de Sampaio é oportunista. Ele “conquista o posto de novidade

rebelde da campanha” defendendo ideias ultrapassadas como os mimeógrafos a álcool usados para “reproduzir textos panfletários de décadas passadas”. Ocupa “com sabedoria” o lugar do “candidato de protesto” e, perante plateia de jovens, assume posturas de esquerda no tratamento de temas polêmicos. Assim, vira “o tempero que faltava para essa eleição”, “o tiozão” e deixa de ser um “invisível candidato nanico”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das expressões nominais no texto, é possível perceber como se dá a (re)construção do objeto-de-discurso Plínio de Arruda Sampaio. Fica evidente que os processos de referenciação não se limitam a refletir no texto um dado objeto-de-mundo, numa relação especular. Existe um processo de criação de um objeto-de-discurso cujas facetas e contornos são continuamente redefinidos ao longo do texto, segundo o projeto de dizer do locutor e seu desejo de guiar a construção de sentido do interlocutor.

Fica claro também que a referenciação não é meramente uma atividade semântica de criação de uma rede lexical. Trata-se de uma complexa atividade discursiva. As escolhas das formas de referenciar dão-se segundo uma axiologia, um conjunto de valores e práticas sociais que operam num âmbito muito mais amplo que o das páginas da revista. Como ressalta Penna (2006, p. 3), “os textos midiáticos [...] constituem versões da realidade que dependem de posições sociais, interesses e objetivos daqueles que os produzem”. Assim, na análise de textos midiáticos, o exame dos processos de referenciação pode ajudar a desvelar como essas pressões sociais operam na (re)criação de objetos-de-discurso.

REFERÊNCIAS

BEAUGRANDE, R.-A. de; DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. Original 1981. Digitally reformatted 2002. Disponível em: http://www.beaugrande.com/introduction_to_text_linguistics.htm. Acesso em: 12 nov. 2010.

BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.

BOECHAT, Y. Punk aos 80. *Istoé*, n. 2127, p. 48-49, 18 ago. 2010.

BRENT, G. R.; ASSUNÇÃO, A. L. Discurso, referenciação e sentido: a crise política na mídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12., 2007, Juiz de Fora. *Anais... Juiz de Fora*, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/sudeste2007/resumos/R0286-1.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2010.

CARDOSO, S. H. B. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Coleção Linguagem e Sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

CRUZ, F. M. da. A construção da referência em uma situação *interlocutiva* entre sujeitos afásicos e não-afásicos. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 293-315.

GALVÃO, A. N. Uso de expressões nominais anafóricas no gênero fórum de discussão do Orkut: reflexo de propósitos comunicativos e orientação argumentativa. *Anais do SETA*. v. 2, 2008. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/viewFile/344/295>. Acesso em: 12 set. 2010.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: _____; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

_____. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas, revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2009.

_____; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-101.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

PENNA, M. A. de O. Construção de sentidos por formas nominais referenciais: anáforas associativas; rotulações e (re)categorizações. *Estudos linguísticos*, XXXV, p. 1303-1314, 2006. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/298.pdf>. Acesso em: 12 set. 2010.

SILVA, N. R. da. Referenciação e construção de sentido: uma análise de formas nominais de implicação anafórica no tratamento jornalístico online a um objeto-de-discurso específico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 7-26, 2009.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.

Recebido em 16 de setembro de 2011
e aceito em 15 de dezembro de 2011.

Title: *Referentiation and argumentative orientation in a journalistic article*

Abstract: *We examine the definite nominal expressions used to (re)construct the object-of-discourse Plínio de Arruda Sampaio in a journalistic article. We analyze how definite nominal expressions, while recategorizing the object-of-discourse, contribute to the construction of argumentative orientation. Initially, we present a brief theoretical review to distinguish the perspective of referentiation from the classical notion of reference, and to relate referentiation and argumentative orientation. Then we search in the text the nominal definite expressions used to (re)construct the object-of-discourse. We then analyze those expressions, considering the axiological orientation of the adjective elements linked to the nominal nuclei, and the nuclei themselves, and try to perceive how the use of those expressions contributes to the author's speech intention. Last, we discuss the author's possible intentionality regarding the construction of the object-of-discourse. The results show that the definite nominal expressions contribute to the construction of Sampaio as an incoherent, inconsistent and not very trustful old man, with a disrespectful and aggressive attitude.*

Keywords: *Referentiation; nominal definite expressions; object-of-discourse.*

ANEXO 1 – Texto analisado

Brasil

PUNK AOS 80

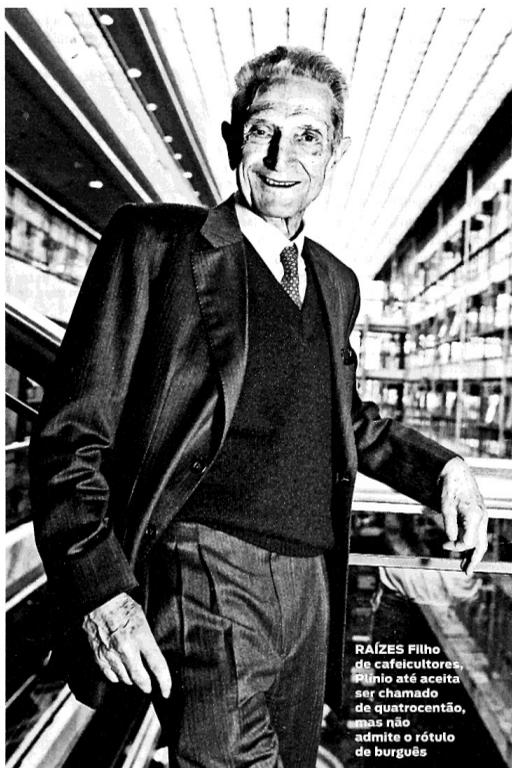
Plínio de Arruda Sampaio, um candidato octagenário, defendendo velhas ideias, conquista o posto de novidade rebelde da campanha

Yan Boechat



O octagenário Plínio de Arruda Sampaio nunca teve tanta popularidade em sua longa e prolífica vida política quanto nesta última semana. Candidato à Presidência da República pelo PSOL, Plínio conseguiu dar molho a uma campanha presidencial insossa, em que os principais concorrentes tentam ser clones mal ajambrados do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A conquista do reconhecimento popular foi meteórica e resultado direto de sua participação no primeiro debate entre os presidenciais, ocorrido na quinta-feira 5 e transmitido pela Rede Bandeirantes. Com tiradas irônicas, críticas mordazes e sem poupar nenhum de seus adversários, Plínio acabou conquistando o lugar do candidato de protesto. Coube a esse senhor de exatos 80 anos, aparência frágil e fala pausada trazer algo de novo à disputa eleitoral, ainda que a novidade trazida por ele tenha cheiro do álcool usado em mimeógrafos para reproduzir textos panfletários de décadas passadas.

Plínio é um candidato com ideias que foram esmagadas com a queda do Muro de Berlim e o esfacelamento do bloco soviético. Ainda chama os agri-



RAÍZES Filho de cafeicultores, Plínio até aceita ser chamado de quatrocentão, mas não admite o rótulo de burguês

48 | *ISL&B* 212 | 10/07/2010

FOTO: JOTO CARILLANO/AS. 15/06 FÁBIO M. SALLES/FOLHAPRESS

cultores brasileiros de camponeses, defende o não pagamento de uma dívida externa já virtualmente quitada e prega uma reforma agrária agressiva, com a desapropriação de todos os latifúndios no Brasil. Mas seu sucesso entre os eleitores brasileiros, que agora o param nas ruas, desejam-lhe boa sorte e lhe oferecem beijos e afagos, parece ter pouca relação com as bandeiras ideológicas que esse advogado vem carregando há quase seis décadas. Está muito mais ligada, é verdade, ao papel que assumiu no debate da Rede Bandeirantes. Nele, chamou Marina de "eco-capitalista", Serra de hipocondríaco e acusou Dilma de querer ser uma "mãe dos pobres". "Isso aqui parece um encontro de polianas. Não pode. Alguém tem de ser contra alguma coisa", disse ele, entre os vários protestos que fez durante o debate por não estar sendo tão questionado quanto seus adversários.

O antagonismo da figura quase placida de Plínio com uma postura de um jovem punk da periferia paulistana conquistou admiradores de forma imediata. No Twitter, as 100 pessoas que o seguiram no início daquela quinta-feira ganharam a companhia de 20 mil outras em apenas sete dias. Seu nome entrou na lista dos assuntos mais discutidos da rede social e, em pouco tempo, mensagens de todo o País começaram a pipocar em sua página.

"Esse velho é da hora"; "Chegou o tempo que faltava para essas eleições"; "Se tu olhares para a cara do tiozão, não dá nada. Mas vá ouvi-lo no debate. F. show"; foram alguns dos milhares de citações que Plínio recebeu na internet. "Mesmo que seu discurso esteja na contramão da história, existe um nicho de eleitores que quer ouvir algo diferente", explica a cientista política da USP Maria do Socorro Souza Braga. "Em uma eleição em que faltam ideias novas, existe um eleitor insatisfeito que está sem rumo e o Plínio está ocupando com sabedoria este lugar."

Plínio pegou embalo na rebelião. "Que mal faz um baseado?", perguntou



PLÍNIO EM TRÊS MOMENTOS



60, Plínio não é nem nunca foi um integrante da classe operária que ele durante toda a vida sonhou em levar ao paraíso. Suas origens remontam à elite paulista que dominou a Primeira República em conjunto com as oligarquias mineiras. Seu pai era um cafeicultor de Sertãozinho (SP) e desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo e ele, ainda jovem, entrou na seleta faculdade de direito do Largo São Francisco. Formou-se lá em 1954 e no mesmo ano tornou-se promotor de Justiça de Sertãozinho. Na vida política, ingressou ainda cedo no Partido Democrata Cristão, que viria eleger Jânio Quadros presidente da República em 1960. Por meio dele tornou-se deputado federal em 1962, cargo que lhe foi cassado pelos militares que tomaram o poder em 1964. Após mais de dez anos no exílio, voltou ao Brasil e participou ativamente de todo o processo de reconstrução democrática do País. Ajudou a fundar o PT e desligou-se dele em 2005 para criar o PSOL. Entre todos os candidatos a presidente nestas eleições, Plínio é o mais rico. Tem bens avaliados em mais de

Anos 70
Plínio ao lado dos filhos, exilado em Santiago, no Chile

1988
Na Assembleia Nacional Constituinte, ao lado do ex-governador Mario Covas

2006
Plínio, ao lado de Heteísa Helena, funda o PSOL e sai candidato ao governo de São Paulo

a uma plateia de estudantes, durante debate na PUC do Rio, na quinta-feira 12. Ele defendeu a liberação da maconha, o direito ao aborto, a união de pessoas do mesmo sexo e a extinção do Senado. Com o novo jeito desafiador, de um dos quase invisíveis candidatos nânicos, passou a ter um espaço antes só reservado aos três primeiros colocados nas pesquisas eleitorais. Sua agenda, antes vazia, agora está repleta de pedidos de entrevistas, eventos políticos e, claro, muito convite de candidatos ao Parlamento em busca de qualquer sorte de apoio. "É o efeito Obama. A televisão é um perigo. Estou sendo conhecido na rua. É incrível", comemorou Plínio, na manhã seguinte ao debate, durante uma panfletagem na capital paulista.

Apesar da rebelião juvenil revestida pelo verniz já ressecado da década de

RS 2 milhões. Indagado sobre a dicotomia entre sua vida privada e seus ideais públicos, é taxativo: "Podem até me chamar de quatrocentão, mas de burguês jamais." O difícil, nesses tempos em que as ideologias parecem não mais poder ser distinguidas umas das outras, é saber exatamente o que é ser burguês. ■

Com reportagem de Alan Rodrigues

ANEXO 2 – Cadeia referencial para o objeto-de-discurso
Plínio de Arruda Sampaio

Período	Elemento anafórico	Tipo
Subtítulo	Plínio de Arruda Sampaio	nome
(1)	O octagenário Plínio de Arruda Sampaio; sua	expressão nominal definida; pronome
(2)	Plínio	prenome
(3)	Sua	pronome
(4)	seus, Plínio	pronome; prenome
(5)	esse senhor de exatos oitenta anos, aparência frágil e fala pausada; ele	expressão nominal definida; pronome
(6)	Plínio	prenome
(7)	Ø	elipse
(8)	seu; o; lhe; esse advogado	pronome; expressão nominal definida
(9)	Ø	elipse
(10)	Ø	elipse
(11)	Ele	pronome
(12)	Plínio	prenome
(13)	O	pronome
(14)	seu, sua	pronome
(15)	“Esse velho”; “o tempero que faltava para essas eleições”; “o tiozão”; -lo; Plínio	expressão nominal definida; pronome; prenome
(16)	Seu	pronome
(17)	o Plínio	pronome (com artigo)
(18)	Plínio	prenome
(19)	Ø	elipse
(20)	Ele	pronome
(21)	Ø	elipse
(22)	Sua	pronome
(23)	Plínio	prenome
(24)	Plínio	prenome
(25)	Suas	pronome
(26)	seu; ele	pronome
(27)	Ø	elipse
(28)	Ø	elipse
(29)	Ø; lhe	elipse; pronome
(30)	Ø	elipse
(31)	Ø	elipse
(32)	Plínio	prenome
(33)	Ø	elipse
(34)	Ø	elipse
(35)	(não ocorre)	